

A EDUCAÇÃO COMO DESAFIO E CRÍTICA À CULTURA

EDUCATION AS A CHALLENGE AND CRITICISM OF CULTURE

José João Neves Barbosa Vicente¹

RESUMO:

A proposta deste artigo, como diz o seu próprio título, é refletir sobre a educação. Essa reflexão, no entanto, será fundamentada a partir das ideias de Rousseau, o que significa dizer, em termos gerais, que não se trata de pensar e apresentar um modelo de programa educacional para a sociedade presente, mas sim de desafiar e criticar a cultura de um modo geral.

Palavras-chave: Conhecimento; Natureza; Sociedade; Virtude.

ABSTRACT:

The purpose of this article, as the title his own, it is to reflect on education. This reflection, however, will be based from Rousseau's ideas, which means, in general terms, it is not to think and present an educational program model for the present society, but to challenge and criticize the culture In general.

Key words: Knowledge; Nature; Society; Virtue.

É na obra *Emílio* que Rousseau discute as questões educacionais com maior intensidade. *Emílio*, na verdade, de acordo com o próprio Rousseau (1964, p.553), é o “mais importante” dos seus “escritos” e, por isso mesmo, deve ser analisada com cautela, atenção e seriedade se pretendermos alcançar o seu verdadeiro sentido e significado: “não conheço a arte de ser claro”, diz Rousseau (1983, p.73), “para quem não quer ser atento”. *Emílio* é uma obra profunda, densa e, ao mesmo tempo, portadora de ideias e conceitos revolucionários; não foi por acaso, por exemplo, que ela foi amplamente admirada e elogiada por filósofo da grandeza de Kant, o mais metódico e rigoroso filósofo da modernidade. Para ele, a obra *Emílio* do pensador genebrino, não pode ser definida simplesmente como uma obra sobre a educação, mas sim como um dos mais importantes trabalhos filosóficos jamais escritos.

Nós também compartilhamos da admiração de Kant em relação aos escritos apresentados no *Emílio*. No entanto, precisamos dizer que apesar de ser a obra mais importante de Rousseau, como ele mesmo disse em seus relatos autobiográficos *Confissões*, e de ter ganhado admiração de um dos mais importantes filósofo de todos os tempos, a obra *Emílio* não pode ser tomada e considerada como se ela fosse uma exposição acerca de um

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

modelo de programa educacional a ser seguido pelos homens. Quem não se lembra, por exemplo, que o próprio Rousseau fez questão de zombar daquelas famílias que tentaram educar seus filhos de acordo com a sua obra. Mas essa tendência não pode ser considerada “privilégio” apenas de tais famílias, ela está presente, também em todos os leitores desatentos de Rousseau; ou seja, em todos aqueles que, desesperadamente, por algum motivo querem encontrar um “modelo educacional” pronto e acabado que possa atender os seus desejos e anseios. De todo modo, uma leitura que busca encontrar tal “modelo educacional” nos escritos do pensador genebrino, só pode ser considerada uma leitura rápida, desatenta, superficial e tendenciosa da obra *Emílio*, isto é, uma leitura que busca o que o leitor quer, mas não o que propõe a obra. Nossa proposta é que analisemos os escritos de Rousseau livres dos nossos desejos ou interesses particulares, isto é, sem a preocupação de encontrarmos neles um modelo educacional para problemas educacionais que criamos, pois a obra *Emílio* não é, em hipótese alguma, um modelo comum de programa educacional a ser interpretado e aplicado aos homens no seio de uma sociedade corrompida, mas sim uma profunda e revolucionária reflexão que não apenas desafia a cultura humana estabelecida, mas também a crítica de forma radical.

De um modo geral, essa reflexão profunda e revolucionária de Rousseau presente em sua obra *Emílio* e que desafia e critica radicalmente a cultura humana estabelecida, não se trata de uma reflexão sobre o processo educacional como caminho para a integração do indivíduo na vida social e nem como uma introdução às grandes obras intelectuais e artísticas da humanidade. Para o pensador genebrino, quem concebe a atividade educacional dos homens nesses termos, não sabe o que quer dizer educar, pois não se pode falar em educação propriamente dita se ela não for totalmente “natural”. Qualquer educação que essencialmente não esteja preocupada em formar o homem no seu verdadeiro sentido, a saber, impedi-lo de ser deformado pela sociedade através da cultura estabelecida, não pode ser considerada e nem denominada de educação. Proteger o indivíduo contra a cultura humana estabelecida, tarefa primordial da verdadeira educação, é uma tarefa que, para Rousseau (1983a, p.341), deve ser levada a sério por todos; proteger o indivíduo contra a cultura é uma tarefa que deve ser considerada tão importante quanto uma “mãe” que “arranca uma arma perigosa das mãos do filho”.

Portanto, se estamos interessados em entender, de fato, a “nova” ideia educacional apresentada por Rousseau, principalmente em sua obra *Emílio*, devemos partir do princípio

que ele não é um pensador preocupado em ensinar a forma correta de se educar tradicionalmente uma criança e nem está interessado ou preocupado em apresentar uma alternativa que resolva os problemas de uma sociedade profundamente corrompida em todos os seus aspectos. A preocupação fundamental do pensador genebrino é com a preservação da “bondade” do homem no seio de uma sociedade perdida e completamente contaminada pela cultura humana estabelecida. Uma contaminação que atingiu a “alma” dos homens e que fez dos próprios “políticos” seres que não conseguem mais fazer ou falar das coisas que engrandecem o a “comunidade política”; todos corrompidos, diz Rousseau (1983a, p.337), nossos políticos estão preocupados com coisas que nada têm a ver com a política ou com o bem comum, eles só falam de “comércio e de dinheiro”, nenhum deles se lembra de falar dos “costumes e de virtudes”.

Rousseau não culpa nenhum outro ser pelos problemas dos homens, as condições caóticas nas quais estão submetidos é culpa exclusivamente deles e estão diretamente ligadas à cultura e às instituições criadas por eles. Rousseau (2004, p.7) de que “tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas”, mas infelizmente, por outro lado, “tudo degenera entre as mãos do homem”; nesse sentido, para o pensador genebrino, não adianta querer educar o indivíduo de acordo com a cultura e as instituições criadas pelos homens, isso provavelmente apenas gerará mais sofrimentos e corrupções, o que devemos fazer urgente e de forma consistente se pretendemos escapar desse mal que assola a sociedade, não pode ser outra coisa senão educar o indivíduo de acordo com a “natureza”. Este é o único modo capaz de contribuir para preservar e cultivar a sua bondade natural e fazendo com que ele seja não apenas uma pessoa feliz, mas também uma pessoa boa para com ela mesma e para com as outras. Mas a pergunta que surge é exatamente esta: como fazer para educar o indivíduo de acordo com a “natureza”? Para Rousseau (2004, p.24), a pergunta é simples e pode ser respondida da seguinte maneira: só existe um único modo possível e ele consiste exclusivamente em observar “a natureza” e seguir “a rota” que ela nos “traça”.

Essa forma de educação revolucionária, em termos rousseauianos, não pode ser entendida como algo difícil, mas sim simples. Apesar de surgir aos nossos olhos como algo aparentemente impossível de ser executado, o pensador genebrino nos diz que, em sua essência, a educação pensada por ele consiste simplesmente em sair do “caminho da natureza”, em outros termos, significa dizer que devemos deixar o indivíduo ser ele mesmo; é este o sentido e o significado da seguinte fala de Rousseau (2004, p.14), a saber, que devemos

“impedir que algo seja feito”. A primeira coisa a ser feita nesse sentido, de acordo com os argumentos apresentados no *Emílio*, consiste em proteger o indivíduo da sociedade na qual se encontra inserido, para isso ele deve receber a sua educação em um ambiente diferente. Em uma sociedade totalmente corrompida em todos os seus setores, “um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento entre os outros”, diz Rousseau (2004, p.7), “seria o mais desfigurado de todos”, pois todos os “preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo”, bem como “todas as instituições sociais”, acabariam por abafar nele “a natureza”. Tentar educar o indivíduo de acordo com a “natureza” dentro de uma sociedade corrompida, “seria como um arbusto que o acaso faz nascer no meio de um caminho, e que os passantes logo fazem morrer, atingindo-o em todas as partes e dobrando-o em todas as direções”.

No interior de uma sociedade corrompida, a educação do indivíduo como pensada por Rousseau (2004, p.57), isto é, de acordo com a “natureza”, jamais acontecerá. Nesta sociedade um indivíduo jamais será um “homem”, o máximo que ele pode ser é um “cidadão”, é para que ele seja um “cidadão”, basta destruir e reconstruir a sua “natureza”, uma tarefa que para uma sociedade corrompida precisa de muito pouco esforço para ser executada. Em outros termos, um indivíduo educado no seio da sociedade, será destituído de “suas próprias forças” e receberá “outras que lhe sejam estranhas e das quais não possa fazer uso sem socorro alheio”; por isso que, para Rousseau (2004, p.11), a educação verdadeira jamais consistirá em “desnaturar o homem” ou “fazer um cidadão”, mas sim em “fazer um homem” preservando nele a sua bondade natural, uma tarefa que exige que o indivíduo seja colocado em um ambiente diferente, isto é, em um ambiente livre da corrupção provocada pela cultura, apenas desse modo ele terá condições de ser “tudo para si mesmo”, uma “unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante”; em poucas palavras, portanto, devemos dizer que, para Rousseau, somente é possível educar um indivíduo de acordo com a “natureza” e fazer dele um “homem”, se o colocarmos em um ambiente longe da contaminação da sociedade corrompida pela cultura.

Portanto, o ato de educar como pensado por Rousseau, possui uma característica própria e singular, ele não pode ser outra coisa senão uma atividade que consiste unicamente em deixar a natureza seguir seu próprio caminho sem ser interrompida; tal atividade não pode ser confundida, em hipótese alguma, com o processo comum que se resume no ato de cultivar a cultura humana estabelecida. Um indivíduo educado de acordo com a natureza, quando precisar interagir com a cultura estabelecida, ele deve contar com um preceptor competente o

suficiente para orientá-lo cuidadosamente como e com quem ele deve estabelecer essa interação. De um modo geral, desde o início, a educação deve se preocupar, diz Rousseau (2004, p.97), “em proteger o coração” do indivíduo “contra o vício e o espírito contra o erro”, ela deve tomar o cuidado necessário para que tudo no indivíduo possa se desenvolver sempre de acordo com a sua própria natureza, não se pode, portanto, permitir nenhum tipo de alteração ou desvio, pois este é a única maneira não apenas de proteger, mas também de preservar a integridade e a virtude do indivíduo. Nesse tipo de educação não há necessidade de se preocupar excessivamente, por exemplo, em proteger as crianças dos chamados perigos e desconfortos, para Rousseau (2004, p.44), para se chegar ao “vigor primitivo” o indivíduo não deve ser enrolado em “fraldas”, ele precisa sempre estar livre de todo e qualquer empecilho para que ele possa se mover e crescer sempre forte. Mas é preciso sublinhar que, para o pensador genebrino, não ter preocupação excessiva com a criança, não significa que ela deve ser exposta ao perigo ou ao desconforto, ela apenas deve ter os cuidados necessários para crescer vigoroso e livre da corrupção da sociedade.

O preceptor que tem a função de orientar o indivíduo no seio da sociedade, não precisa debater com ele sobre suas vontades. Tudo o que precisa ser impedido deve ser feito sempre como algo inevitável, deve ser feito sempre como uma força da natureza para que jamais o indivíduo venha a desenvolver o sentimento de rancor; afinal, quando se trata de algo necessário, as pessoas não sentem rancor, mas se alguém tentar impedir o outro de fazer o que ele quer, certamente haverá rancor. Quando se educa de acordo com a natureza, nos lembra Rousseau (2004, p.221-222), não há necessidade de ensinar muitas coisas, o que se deve fazer é simplesmente não permitir que no “cérebro” do indivíduo entre “ideias que não sejam claras e justas”; deve ser feito tudo para que ele não cometa erros, mesmo sabendo que a “razão e o juízo vêm lentamente, os preconceitos acorrem aos montes” e sempre causam danos e fazem surgir vaidades e falsas crenças; em poucas palavras, a educação como entendida por Rousseau, deve contribuir não apenas para fornecer palavras, teorias, fatos ou ideias, mas principalmente para fazer com que o indivíduo funcione corretamente, afinal, a “ignorância jamais causou mal” a ninguém, diz Rousseau (2004, p.214), “só o erro é funesto”; se algum dia alguém se perdeu, certamente não foi porque ele não sabia, mas seguramente porque acreditou que sabia.

Quando educamos o indivíduo de acordo com a natureza, formamos homens capazes de viverem para si próprios, homens fortes, agradáveis e donos de mentes “maduras” e que

vivem uma vida simples sem qualquer inclinação para provocar danos ou sofrimentos aos outros. Eles sempre examinarão não os outros, mais a si próprios, não prestarão “atenção aos outros”, diz Rousseau (2004, p.238), e acham “bom que os outros não pensem” neles; nunca exigirão algo de alguém e, certamente, “nada” creem “dever a ninguém”, no seio da sociedade, ele apenas contará “consigo mesmo”. Isso, no entanto, não significa dizer que eles não terão, por exemplo, o sentimento da paixão romântica, afinal, quando se educa um indivíduo de acordo com a natureza ele se tornará não apenas ser capaz de pensar, mas também um ser “amoroso e sensível”, ou seja, como disse Rousseau (2004, p.274), sua “razão” será aperfeiçoada “pelo sentimento”. O que não pode ser permitido é a manifestação errada de um sentimento, pois se isso acontecer, toda educação do indivíduo estará em risco. Como disse Rousseau (2004, p.286), “uma fermentação muda” pode anunciar a “aproximação do perigo”, ou seja, “uma mudança no humor, arroubos frequentes, uma contínua agitação de espírito” pode fazer do indivíduo um ser “quase indisciplinável”, capaz de se comportar como “um leão em sua febre”. A verdadeira educação não pode ignorar no indivíduo o “amor de si”, mas deve conservá-lo e preservá-lo, como disse Rousseau (2004, p.288), ele representa no indivíduo a “paixão primitiva, inata, anterior a todas as outras”. Nada deve ser feito no sentido de modificá-lo por qualquer causa estranha a ele; é do “amor de si”, diz Rousseau (2004, p.289), que todas “as paixões doces e afetuosas nascem”.

Uma educação que segue os ditames da natureza, não apenas forma um homem sempre consciente do sofrimento dos outros, mas também sempre feliz e seguro consigo mesmo. Mas é importante mostrar para ele também as suas dificuldades, para que ele possa se sentir satisfeito consigo mesmo; erradicar dele toda a vaidade, certamente não será possível, mais não será impossível direcioná-la para canais benéficos. Somente quando o indivíduo se sentir totalmente seguro em suas habilidades, ele se tornará capaz de desejar apenas aquilo que já tem, por isso devemos educar o indivíduo de acordo com a natureza, as instruções emanadas dela “são tardias e lentas”, diz Rousseau (2004, p.292), mas “as dos homens são quase sempre prematuras”. Na educação de acordo com a natureza, “os sentidos despertam a imaginação”; na educação dos homens de acordo com a cultura e as instituições vigentes, “a imaginação desperta os sentidos”. Na educação dos homens de acordo com a cultura e suas instituições, o indivíduo recebe uma “atividade precoce” que apenas serve para irritá-lo e enfraquecê-lo por toda a vida.

Tudo no indivíduo deve se desenvolver a partir do seu próprio caráter, inclusive a vaidade e os desejos sexuais. Nada, portanto, deve ser forçado, pois quando algo é forçado se imprime no “sangue” do indivíduo, diz Rousseau (2004, p.299), “uma fermentação precoce”. Quando tudo se desenvolve e amadurece como deve ser, nos diz Rousseau (2004, p.2004, p.300), os primeiros desejos serão precedidos por uma longa inquietação e “uma longa ignorância os camufla; deseja-se sem saber o quê. O sangue fermenta e se agita; uma superabundância de vida procura estender-se para fora”, o indivíduo começa a perceber e “a tomar interesse pelos que estão à volta, começa a sentir que não se foi feito para viver sozinho; é assim que o coração se abre para as afeições humanas e torna-se capaz de apego”. Se não queremos que o indivíduo desenvolva vaidades destrutivas no futuro, toda a responsabilidade social, bem como toda a sua vida sexual devem ser levadas em consideração em seu processo educacional apenas quando ele começar, de fato, a sentir os desejos e a saber o que quer. Enquanto essa hora não chegar, todo o seu desenvolvimento intelectual deve ser dirigido e assegurado através do estudo da natureza até o ponto mais alto, a saber, a religião. Para Rousseau, portanto, o indivíduo não pode ter contato com algo que não entende; aquilo que é carregado de mistérios como, por exemplo, a religião, não pode ser introduzida na educação do indivíduo em sua “primeira idade”; se ele aprender esse tipo de coisa “mais cedo do que convém”, diz Rousseau (2004, p.360), “correrá o risco de nunca o saber”.

A religião somente deve ser introduzida na educação do indivíduo, quando ele começar a questionar sobre as questões relacionadas com a natureza das coisas. E para introduzir a religião em sua educação, o ideal é começar com textos polêmicos voltados, por exemplo, para as questões referentes aos ataques ao dogmatismo e a intolerância religiosa; para o pensador genebrino, nada deve ser escondido do indivíduo, apenas deve ser apresentado em sua hora própria, pois ele não pode ser levado a aprender aquilo que ele ainda não está preparado para entender. A preferência de Rousseau é que ensinemos ao indivíduo uma religião natural e modesta, um tipo de religião que pregue a crença em Deus baseada em argumentos teológicos simples. Não se deve ensinar nenhum tipo de religião que pregue, por exemplo, o fanatismo e a intolerância; em relação a Deus, o pensador genebrino o imagina como um Ser justo, mas ele acredita que o princípio desse Deus encontra-se violado, pois “uns preferem tornar Deus injusto”, diz Rousseau (2004, p.437), “e punir os inocentes pelo pecado de seu pai a renunciar a seu bárbaro dogma”.

Ainda de acordo com a ideia da educação proposta por Rousseau, isto é, de acordo com a natureza, o indivíduo educado pode inclusive viajar para uma cidade “sofisticada”, caso ele assim preferir, mas antes é importante e recomendável que ele imagine uma esposa perfeita, pois ele já é um homem livre dos perigos da sociedade e preparado para se apaixonar totalmente quando encontrar a esposa perfeita que imaginou, afinal, como disse Rousseau (2004, p.526), “a mulher é o homem foram feitos um para o outro”. Educado segundo a natureza, o indivíduo não só está apto para se apaixonar, como também está protegido contra a corrupção e os perigos de uma sociedade perdida, seus gostos pela arte e seus julgamentos morais serão todos refinados; ele será, portanto um homem sutil, seus escritos serão frutos de estudo dos clássicos da literatura antiga e não dos intelectuais da sociedade corrompida. O indivíduo educado de acordo com a natureza saberá entender perfeitamente que “o conhecimento do que pode ser agradável ou desagradável aos homens não é necessário somente a quem precisa deles” diz Rousseau (2004, p.493), “mas também a quem lhes quer ser útil”.

De todo modo, mesmo após ter recebido uma educação de acordo com a natureza e conseguir formar um intelecto forte, um caráter ímpar e de ter conhecido perfeitamente a si mesmo e todas as suas obrigações para com os outros, o indivíduo ainda é um ignorante quando o assunto é a política. Por isso diz Rousseau (2004, p.672-673), “depois de ter-se considerado através de suas relações físicas com os outros seres, de suas relações morais com os outros homens, resta-lhe considerar-se pelas relações civis com os outros cidadãos”. Nesse sentido e nesse item específico, “ele deve começar por estudar a natureza do governo em geral, as diversas formas de governo e finalmente o governo particular sob o qual nasceu, para saber se lhe convém viver nele”. Portanto, apenas quando o indivíduo aprender sobre a política é que a sua educação estará completa.

Referências

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Do contrato social*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.

_____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983b.

_____. *Confissões*. Trad. Fernando Lopes Graça. Lisboa: Portugalia, 1964.